

Bestseller do **New York Times**

O emocionante
relato autobiográfico
do poder devastador
de um **tsunami**.

Sonali Deraniyagala

A ONDA

Ela perdeu os pais, o marido e os filhos.
Toda a família. Duma só vez.

v o g a i s

Um

YALA, SRI LANKA, 26 DE DEZEMBRO DE 2004

No início, não dei importância. O mar parecia um pouco mais próximo do nosso hotel do que o habitual. Só isso. Uma onda branca e espumosa tinha chegado até ao sulco de areia a partir do qual a praia descia abruptamente em direção ao mar. Nunca se via água naquela extensão de areia. Foi a nossa amiga Orlantha quem me chamou a atenção para isso. Um pouco antes, ela tinha batido à nossa porta para nos perguntar se estávamos prontos para partir. Estávamos quase. O Steve estava no duche ou, o mais provável, a ler na casa de banho. Os nossos dois rapazes estavam no alpendre das traseiras, entretidos com os seus presentes de Natal.

Estávamos em Yala, um parque nacional na costa sudeste do Sri Lanka. Aqui havia muitas águias-marinhas-de-barriga-branca e, para o Vikram, elas eram a mais esplêndida das aves. Para um rapazinho de quase oito anos, o Vikram sabia imenso sobre aves. Uma par de águias-marinhas tinha nidificado perto da lagoa à beira deste hotel em Yala e ele sentava-se durante horas numa pedra, na margem da lagoa, ansiosamente à

espera de as vislumbrar. Elas apareciam sempre, tão fiáveis como a fada dos dentes.

Tínhamos passado quatro dias ali, com os meus pais. Em menos de uma semana, o Steve, os rapazes e eu estaríamos a voar para Londres, de regresso a casa. Tínhamos ido de carro de Colombo até Yala, depois do concerto de violino do Malli. Não que ele demonstrasse um grande empenho para com o violino; do que ele gostava era de estar em palco. Ali estava ele, imitando a menina ao seu lado, bramindo o seu arco com uma precisão convincente. «Ele está a fingir, mãe, ele está a fingir», sussurrara-me o Vik nessa noite, durante o concerto, impressionado com o descaramento do seu irmão de cinco anos.

A nossa amiga Orlantha dava lições de violino ao Malli, durante as nossas viagens ao Sri Lanka. Ela tinha deixado Los Angeles para vir dar aulas em Colombo por alguns anos e a sua orquestra infantil florescia. Chamava-se Strings by the Sea¹.

Agora, Orlantha e eu tagarelávamos à porta deste quarto de hotel. Não tínhamos planeado ir a Yala juntas; ela estava com os seus pais, que tinham vindo dos Estados Unidos, de férias. Orlantha tinha assistido às travessuras dos meus rapazes e contou-me que adoraria ter filhos em breve. «O que vocês têm é um sonho», disse.



Foi nessa altura que vimos a onda. «Ó meu Deus, o mar está a avançar.» Foi o que ela disse. Olhei para trás e não me

¹ Cordas à beira-mar. [N. da T.]

pareceu nada de especial ou alarmante. Era apenas a crista branca de uma grande onda.

Mas, do nosso quarto, não era costume verem-se ondas a rebentar. Mal se via o mar. Era só um pouco de azul por cima da enorme extensão de areia que descia de forma íngreme até à água. Agora, a espuma de uma onda tinha escalado esta encosta e estava a aproximar-se das grandes coníferas entre o nosso quarto e a beira-mar, umas árvores inesperadas nesta paisagem de arbustos secos e espinhosos. Isto era invulgar. Chamei o Steve, que estava na casa de banho. «Anda cá, Steve, quero mostrar-te uma coisa estranha.» Não quis que ele perdesse isto. Queria que viesse ver, antes que toda esta espuma se dissolvesse. «Um minuto», murmurou o Steve, sem pressa alguma de sair da casa de banho.

Depois houve mais espuma branca. E mais. O Vik estava sentado junto à porta das traseiras, a ler a primeira página de *O Hobbit*. Disse-lhe que fechasse essa porta. Era uma porta de vidro com quatro painéis. Ele fechou cada um deles e depois atravessou a sala e veio para perto de mim. Ele não disse nada, não perguntou o que se estava a passar.

A espuma transformou-se em ondas. As ondas trepavam o rebordo onde a praia acabava. Isto não era normal. O mar nunca se tinha aproximado tanto. As ondas não estavam a recuar ou a dissolver-se. Estavam mais próximas agora. Castanhas e cinzentas. Castanhas ou cinzentas. As ondas passaram abruptamente as coníferas e aproximaram-se do nosso quarto. Agora havia muitas ondas, avançando, abatendo-se. Subitamente, furiosas. Subitamente, ameaçadoras. «Steve, tens de vir aqui. Agora.»

O Steve saiu a correr da casa de banho, a atar o seu *sarong*. Olhou para o exterior. Não dissemos nada.

Agarrei no Vik e no Malli e saímos todos a correr porta fora. Eu ia à frente do Steve. Segurei ambos os rapazes pela mão. «Passa-me um deles. Passa-me um deles», gritou-me o Steve, esticando a mão. Mas não o fiz. Isso ter-nos-ia atrasado. Não tínhamos tempo. Tínhamos de ser rápidos. Eu sabia-o. Mas não sabia do que estava a fugir.

Não parei pelos meus pais. No momento da fuga, não parei para bater à porta do quarto deles, que ficava à direita do nosso. Não gritei para os avisar. Não bati à porta deles para os chamar. Ao passar pelo quarto, pensei por uma fração de segundo se não deveria fazê-lo. Mas não consegui parar. Isso iria atrasar-nos. Temos de continuar a correr. Agarrei as mãos dos rapazes com força. Temos de sair daqui.

Fugimos em direção à entrada do hotel. Os rapazes correram tão depressa quanto eu. Não tropeçaram nem caíram. Eles estavam descalços, mas não abrandaram por causa das pedras ou dos espinhos que os magoavam. Não disseram uma palavra. Os nossos pés faziam barulho, contudo. Conseguia ouvi-los, martelando o chão.

À nossa frente, um jipe andava depressa. Agora parava. O jipe estava à nossa espera. Era um jipe de caixa aberta e uma capota de lona castanha. Este jipe estava à nossa espera. Corremos na sua direção. Atirei o Vikram para a parte traseira e ele caiu desamparado no piso de metal ondulado de cor verde. O Steve saltou lá para cima e apanhou-o. Agora, estávamos todos lá dentro. O Steve tinha o Vik ao colo e eu estava à sua frente, segurando o Malli. Um homem conduzia o jipe. Não sabia quem ele era.

Agora, olhava à minha volta e não havia nada de invulgar. Nada de água espumosa, só o hotel. Estava tudo tal como deveria estar. As compridas filas de quartos com os seus

telhados de telhas de tijolo, os corredores com o pavimento em terracota, a entrada de gravilha castanho-alaranjada cheia de cacos de ambos os lados. Tudo intacto. As ondas devem ter recuado, pensei.

Não tinha visto a Orlantha a correr ao nosso lado, mas deve tê-lo feito. Ela estava no jipe. Os seus pais tinham saído a correr do seu quarto quando nós saímos do nosso e o seu pai, Anton, também estava connosco. A mãe da Orlantha, Beulah, estava a içar-se para o jipe quando o condutor acelerou. O jipe deu um repelão para diante e ela não foi capaz de se agarrar, caindo. O motorista não viu isto. Disse-lhe para parar, gritei-lhe uma e outra vez que ela tinha caído. Mas ele continuou a andar. A Beulah ficou estendida na entrada do hotel, a olhar para nós enquanto nos afastávamos. Esboçou um meio sorriso, parecia ser de confusão.

O Anton inclinou-se para fora, para alcançar a Beulah e puxá-la para cima. Ao não conseguir, saltou para fora. Estavam agora ambos na gravilha, mas eu não gritei ao motorista para que esperasse por ele. Ele estava a conduzir muito depressa. Tem razão, pensei, temos de continuar. Estaremos longe do hotel em breve.

Estávamos a deixar os meus pais para trás. Entrei em pânico. Se tivesse gritado à sua porta enquanto corríamos, podiam ter fugido connosco. «Não apanhámos a Aachchi e o Seeya», gritei ao Steve. Isto fez com que o Vikram chorasse. O Steve abraçou-o, agarrando-o contra o peito. «A Aachchi e o Seeya ficarão bem, eles vêm mais tarde, eles vêm», disse o Steve. O Vik parou de chorar e aninhou-se no pai.

Fiquei grata ao Steve pelas suas palavras, tranquilizaram-me. O Steve tem razão. Não há ondas agora. A Mãe e o Pai deixarão o seu quarto. Nós saímos daqui agora e eles depois

juntam-se a nós. Visualizei o meu pai a sair do hotel, com poças por todo o lado, com as calças enroladas para cima. Assim que encontrar um telefone ligo para o telemóvel da Mãe, pensei.

Estávamos a aproximar-nos do fim da entrada do hotel, prestes a virar à esquerda, para o caminho de terra que passa junto à lagoa. O Steve olhava para a estrada diante de nós. Não parava de bater com o calcanhar no chão do jipe. Vá lá, anda mais depressa.

O jipe estava a andar por cima de água. De repente, havia água dentro do jipe. A água agitava-se e molhava-nos os joelhos. Donde veio toda esta água? Não vi aquelas ondas chegarem até nós. Esta água deve ter aparecido de debaixo do chão. O que *está* a acontecer? O jipe avançava devagar. Conseguia ouvir o seu motor debatendo-se, grunhindo. Podemos passar por cima desta água, pensei.

Balançávamos de um lado para o outro. A água estava a subir, enchendo o jipe. Chegou-nos ao peito. O Steve e eu levantámos os rapazes o mais que pudemos. O Steve segurava o Vik e eu, o Mal. As suas caras estavam acima da água, com o topo da cabeça a pressionar a lona do jipe, e as nossas mãos seguravam ambos com firmeza, sob as axilas. O jipe oscilou. Estava a flutuar, sem que as rodas tocassem no chão. Todos tentávamos segurar-nos nos assentos. Ninguém dizia nada. Não se ouviu uma palavra.

Depois vi a cara do Steve. Nunca o vira assim. Uma expressão súbita de terror, olhos arregalados, boca aberta. Ele viu algo atrás de mim que eu não consegui ver. Não tive tempo para me voltar e ver.

Porque capotou. O jipe capotou. Para o meu lado.



Dor. Era tudo quanto sentia. Onde estou? Algo me comprimia o peito. Estou presa debaixo do jipe, pensei, estou a ser esmagada por ele. Tentei afastá-lo, quis esgueirar-me de debaixo dele. Mas era demasiado pesado, o que quer que estivesse em cima de mim, e a dor no meu peito, implacável.

Eu não estava presa debaixo de nada. Estava em movimento, sei-o agora. O meu corpo estava enrolado e eu girava a grande velocidade.

Estarei debaixo de água? Não parecia água, mas tem de ser, pensei. Estava a ser arrastada e o meu corpo estava a ser atirado para a frente e para trás. Não tinha qualquer controlo sobre mim. Quando, por vezes, abria os olhos, não via água. Enevoadado e cinzento. Era tudo o que discernia. E o meu peito. Doía-me como se estivesse a ser esmurrado por uma grande pedra.

Isto é um sonho. É um daqueles sonhos em que não paramos de cair, cair e depois acordamos. Agora tinha a certeza de que era isto. Belisquei-me. Belisquei-me uma e outra vez. Conseguia sentir o apertão na minha coxa, através das calças. Mas não estava a acordar. A água estava a puxar-me com uma rapidez que eu não reconhecia, a atirar-me para diante com uma força a que não podia resistir. Fui empurrada pelo meio de ramos de árvores e arbustos e, de vez em quando, os meus joelhos e cotovelos embatiam em algo duro.



Se isto não é um sonho, devo estar a morrer. Não pode ser outra coisa, esta dor terrível. Aquele jipe capotou e agora

algo me está a matar. Mas como posso estar a morrer? Ainda agora estava no nosso quarto de hotel. Ainda agora estava com os rapazes. Os meus filhos. A minha mente caiu em si, tentando concentrar-se. Vik e Malli. Não *posso* morrer. Por eles, tenho de me manter viva.

Porém, a força exercida no meu peito era demasiado feroz. Só queria que parasse. Se estou a morrer, que seja depressa, por favor.

Mas não quero morrer, a nossa vida é boa, pensei. Não quero que acabe, temos muito mais coisas para fazer, tantas coisas. Todavia, tinha de me render a este caos desconhecido. Eu sentia-o. Vou morrer, nada sou perante aquilo que me tem nas suas garras. Nada a fazer, é o fim, acabou. Desisti. Contudo, enquanto rebolava na água, senti tristeza por a minha vida acabar.

Isto não pode estar a acontecer. Ainda agora estava ao pé da porta, a falar com a Orlantha. E o que foi que ela disse? Um *sonho*? O que vocês têm é um sonho. Foi isso que ela disse. Recordei as suas palavras e amaldiçoei-a por tê-las dito.



De repente, vi água castanha. Já não era cinzenta esfumada, mas de um castanho ondulante, a toda a volta, até onde a vista alcançava. Tinha a cabeça à tona. Contudo, estava a ser arrastada a enorme velocidade. Não havia nada a que me pudesse agarrar. Limitava-me a boiar. Havia árvores a girar à minha volta. O que é *isto*? Eu estava com o Vik, no nosso quarto. Ele quer usar a sua nova t-shirt da equipa de críquete de Inglaterra, daqui a nada regressamos de carro a Colombo. Pus a t-shirt em cima da cama. Isto tem de ser

um sonho, pensei. Senti o sabor a sal. A água bateu-me na cara, subiu-me pelo nariz e queimou-me o cérebro. Durante um longo período, não me apercebi de que a dor no meu peito tinha parado.

Estava a flutuar de costas. Um céu azul imaculado. Um bando de cegonhas de pescoços esticados voou sobre mim, em formação. Estes pássaros estavam a voar na mesma direção para onde a água me estava a levar. Cegonhas, pensei. Um bando de cegonhas no céu de Yala; tinha-o visto milhares de vezes. Uma visão tão familiar que me transportou para fora da água enlouquecida. Por um ou dois instantes, vi-me com o Vik a observar cegonhas, a rir-me com ele devido ao seu voo, semelhante ao do pterodáctilo.

O Vik e o Malli, pensei novamente. Não posso deixar-me morrer aqui, seja lá o que isto for. Os meus meninos.

Uma criança flutuou na minha direção. Um rapaz. A sua cabeça estava à tona e ele gritava. Papá, papá. Ele agarrava-se a algo. Parecia o banco partido de um carro e por dentro tinha esponja ou borracha amarela. Ele estava em cima daquilo, como se estivesse a fazer *bodyboard*. À distância, pensei que este rapaz fosse o Malli. Tentei alcançá-lo. A água bateu-me violentamente na cara e empurrou-me, mas consegui aproximar-me dele. Vem à mamã, disse eu, bem alto. Depois vi a sua cara de perto. Não era o Mal. No instante seguinte, fui arrastada para o lado e o rapaz desapareceu.

Estava a cair através de rápidos. A água caía a pique. Vi um homem a ser arremessado por esta corrente. Estava de barriga para baixo. Tinha vestida uma t-shirt preta, só isso. Será o Steve, perguntei-me, talvez seja o Steve, o seu *sarong* soltou-se. Pensei nisto calmamente, ao início, e só depois entrei em pânico. Não, não pode ser o Steve. Por favor, que não seja ele.

Havia um ramo pendurado acima da água. Eu estava a flutuar de costas na sua direção. Tenho de agarrar aquele ramo, disse a mim mesma, tenho de conseguir. Eu sabia que passaria debaixo dele a grande velocidade, pelo que tinha de levantar os braços a tempo, para poder agarrá-lo. A água atingia-me a cara com violência, mas tentei manter os olhos fixos naquele ramo. Agora estava debaixo dele e tentei alcançá-lo, mas já quase o tinha passado. Atirei os braços para trás e tateei, agarrando-o.

Tinha os pés no chão.

Não conseguia focar a visão, mas nessa altura vi árvores derrubadas por todo o lado, conseguia distingui-las, árvores no chão com as raízes para cima. O que é isto? Um pântano? Dei por mim numa imensa área pantanosa. Tudo era de uma única cor até ao horizonte: castanho. Isto não se parecia com Yala, onde o chão é seco, estalado e está coberto de arbustos verdes. O que é este mundo arrasado? O fim dos tempos?

Estava dobrada ao meio e não conseguia endireitar-me. Agarrei os meus joelhos, estava muito ofegante, a sufocar. Tinha areia na boca. Definhava e cuspi sangue. Não parava de cuspir e cuspir. Tanto sal. Senti o corpo muito pesado. As minhas calças estão-me a pesar, pensei. Tirei-as. O que aconteceu àquelas ondas? Há poças de água parada à minha volta, mas não há ondas. Serão lagos ou lagoas?

Não conseguia manter-me estável. Os meus pés afundavam-se no lodo. Olhei para esta paisagem desconhecida, ainda a perguntar-me se estaria a sonhar, mas a temer, quase a saber, que não estava.

Só então me perguntei o que acontecera a todos. Estariam mortos? Deviam estar. Só podiam estar. O que farei eu sem

eles, pensei, ainda ofegante, ainda a cuspir. Não conseguia manter o equilíbrio, estava a escorregar na lama.

Ouvi vozes. Distantes, ao início, e depois próximas. Era um grupo de homens, gritando uns para os outros em cingalês. Eles não me viam e eu não os via a eles. Houve um que disse: «*Muhuda goda gahala. Mahasona avilla.*» O oceano inundou. Mahasona está aqui. Mahasona. Eu conhecia a palavra, mas o que estava ele a dizer? A última vez que ouvira a palavra fora em criança, quando a nossa ama nos contava histórias de monstros e demónios. Mahasona é o demónio dos cemitérios. Mesmo completamente atordoada, compreendi. Algo terrível tinha acontecido, havia morte por todo o lado, era sobre isso que o homem gritava.

Aquela voz voltou a gritar: «Há alguém aí, já pode sair, a água desapareceu, estamos aqui para ajudar.» Não me mexi nem emiti um som. Sentia-me demasiado exausta para falar. Depois, a voz de uma criança: «Ajudem-me. Salvem-me. Fui arrastado na corrente.» Ouvi os homens aproximarem-se, para procurarem a criança. Permaneci em silêncio. Dobrada, agarrada aos joelhos.

Os homens viram-me e correram na minha direção. Falaram comigo mas não lhes respondi. Disseram-me que devia ir com eles, que tínhamos de nos despachar, que podia haver outra onda. Abanei a cabeça e recusei sucessivamente. Estava demasiado cansada. E, sem os meus rapazes, como podia ir-me embora? E se tivessem sobrevivido? Eles podiam estar ali perto, algures, não podia deixá-los para trás. Mas não consegui dizer isto em voz alta. Não consegui pedir a estes homens que fossem à sua procura. Não fui capaz de lhes dizer que tínhamos sido atirados para fora do jipe, para a água. Dizer-lhes tornaria tudo demasiado real.

Os homens estavam impacientes. Falaram entre si. Eles não eram capazes de me deixar ali. «Mas não podemos levá-la assim», disse um deles. «Ela está sem calças.» «O quê?», pensei. Um dos homens tirou a sua camisa e atou-a à minha cintura. Puxaram-me e eu ainda me sentia pesada, com as pernas a arrastar pela lama. Era um lodo profundo, à altura dos joelhos. Caí algumas vezes e eles içaram-me.

Vimos um homem deitado sob um arbusto. Vestia apenas uma tanga. Um dos homens que estava comigo dirigiu-se a ele. Está morto, informou ao regressar. Ele disse um nome e eu reconheci-o. Era um pescador que vivia numa pequena cabana na praia, junto ao hotel. O Steve e eu falávamos com ele e ele tentava vender búzios aos rapazes, que os encostavam aos ouvidos para ouvir o murmúrio do mar. Desviei o olhar deste homem, agora inerte na areia. Não quis ver ninguém morto.

Eles levaram-me para uma carrinha e percorremos uma distância curta. Quando a carrinha parou, percebi onde estava. Estávamos na bilheteira da entrada do parque nacional. Conhecia bem este edifício. Tinha estado aqui centenas de vezes, desde pequena, para comprar bilhetes e esperar pelo guarda que nos guiaria pelo parque. O Vik e o Malli, por vezes, entravam no pequeno museu no interior das instalações, que tinha à entrada um enorme par de presas de elefante.

O edifício tinha exatamente o mesmo aspeto. Intacto. Nem sinal de água, sem poças ou árvores arrancadas à sua volta. Esta brisa seca na minha cara é uma brisa normal.

Os homens transportaram-me para fora da carrinha e levaram-me para dentro. Conhecia várias pessoas que trabalhavam aqui e via-as agora, de um lado para o outro, a olharem para mim, com uma expressão preocupada. Desviei o olhar. Não queria que me vissem assim, a tremer, ensopada.

Sentei-me num banco de cimento, no museu. Este tinha meias paredes com a tinta verde a descascar e grossos pilares de madeira, que seguravam o telhado. Abracei os joelhos contra o peito e olhei para as árvores *palu*, no exterior. Era real o que tinha acabado de acontecer, aquela água? A minha mente embrulhada não sabia. Eu quis continuar no irreal, no desconhecimento. Portanto, não falei com ninguém, não lhes perguntei nada. Um telefone começou a tocar. Ninguém atendeu, ele tocou e tocou. Era ruidoso e eu queria que ele parasse. Quis permanecer no meu torpor, a olhar para as árvores.

Mas, e se eles sobreviveram, não conseguia deixar de pensar. O Steve pode vir para aqui, com os rapazes. Talvez alguém os tenha encontrado a todos, tal como me encontraram a mim. Se forem trazidos para aqui, os rapazes estarão agarrados aos Steve. Papá, papá. As suas t-shirts terão sido rasgadas, eles terão frio. O Vik tremia e ficava arrepiado sempre que nadava, pois a água na piscina estava um bocadinho fria.

Chegou uma camioneta branca. Uma rapariga foi tirada para fora. Tinha a cara ferida e galhos e folhas presos no cabelo e na roupa. Já a tinha visto antes. Ela estava com os pais no quarto de hotel ao lado do nosso. O Vik e o Malli terão o mesmo aspeto molhado e assustado desta menina se forem trazidos para aqui. Terão folhas embrenhadas no cabelo? Ambos cortaram o cabelo antes de deixar Londres. Cortes de cabelo. Nada disso fazia sentido.

Havia um rapaz sentado no mesmo banco que eu. Parecia ter doze anos, talvez um pouco mais. Foi este o rapaz que pediu ajuda, mesmo antes de aqueles homens me terem encontrado. Tinham-no trazido comigo, naquela carrinha. Agora o rapaz não parava de falar, de gritar. Onde estão os seus pais, ele quer os seus pais, ele estava a tomar o pequeno-almoço

com eles no hotel, eles viram as ondas, ele foi arrastado. Ele dizia-o repetidamente, mas eu ignorava-o. Não acusei a sua presença ou reagi a nada do que disse.

O rapaz começou a chorar. Os seus pais estão mortos, perguntou. Vestia apenas um par de calções, o seu corpo tremia, os dentes batiam e ele não parava de andar em redor dos escaparates de vidro, que exibiam esqueletos de crocodilos e pítons dos pântanos. Também lá estava um ninho de tecelões, aves que intrigavam sempre o Vik. «É como uma casa verdadeira, Malli. Consegues ver as várias divisões?»

O rapaz não parava de andar para trás e para diante, chorando. Eu queria que ele parasse. Alguém trouxe uma toalha grande e embrulhou-a à volta dos seus ombros. Ainda chorava. Mas eu não falei com ele. Não tentei confortá-lo. Para de choramingar, pensei, cala-te. Só sobreviveste porque és gordo. Foi por isso que não morreste. Mantiveste-te vivo naquela água porque és um gordo de merda. O Vik e o Malli não tiveram hipótese. Cala-te de uma vez.

Fui levada de jipe para o hospital. O condutor estava muito agitado. Disse-me que não sabia onde estava a sua família. Ia ao hospital à sua procura. Eles estavam no hotel, como nós. Mas ele foi num safári, de manhã cedo. Foi sozinho. Ele não estava no hotel quando a onda o atingiu. Ele disse-me isto várias vezes. Falava demasiado alto. Eu estava no banco da frente, ao seu lado. Não disse uma palavra. Tremia e tinha calafrios. Olhei para fora do jipe. O trilho em que seguíamos estava ladeado de floresta densa. Éramos os únicos naquela estrada.

Havia outro homem na parte de trás do jipe. Reconheci-o, era empregado de mesa no nosso hotel. Ele tinha um telemóvel na mão e brandia-o no ar. Pôs a mão fora do jipe e segurou-o bem alto. Saltava de um assento para o outro. Estava a tentar apanhar rede, disse. Eu não suportava os seus movimentos, sentia cada solavanco. Porque não ficas quieto, pensei eu a viagem inteira. Apetecia-me atirar o seu telemóvel pela janela.

Eles podiam já estar no hospital. O Steve e os rapazes. Até a Mãe e o Pai. Podem ter sido encontrados e levados para

lá. Não parava de pensar nisto e, depois, de afastar a ideia. Tinha de parar de alimentar esperanças. Não os vou encontrar, tenho de me preparar para isso. Mas se eles *estivessem* lá, estariam preocupados comigo. Quis que o jipe acelerasse.

Quando chegámos ao hospital, foi o Anton, o pai da Orlantha, que saiu a correr. Não tinha camisa, as suas calças estavam rasgadas e os dedos, ensanguentados. Ele espreitou para dentro do jipe, parecendo baralhado. Porque não está a Orlantha contigo? Onde estão o Steve e os rapazes? Ele achava que este era o mesmo jipe em que fugíramos, deixando-o no chão. Disse-lhe que não era, que não sabia onde estavam os outros. Não lhe disse que esperava que estivessem no hospital. Agora tinha a certeza de que não estavam.

Arrastei-me para a sala de espera. As minhas pernas estavam feitas em papa, instáveis. Reparei em arranhões profundos nos meus tornozelos, que sagravam, e havia cortes nas plantas dos meus pés. O que tinha acontecido? A minha mente não conseguia compreender nada.

A toda a volta, havia pessoas que conversavam. Não quis falar com ninguém, pelo que não olhei na sua direção. A sala de espera era pequena, mas as suas vozes pareciam distantes, desvanecendo-se ao longe. Alguém me tocou no ombro. Tratou-se de uma onda gigante, foi uma onda gigante, disse ele. Anuí. Tentei parecer tranquila, como se o soubesse desde o início. Mas uma onda gigante é verdadeira. O meu coração galopou. Sentei-me num banco de madeira num canto, junto a uma parede, de frente para a entrada do hospital.

Eles ainda podem chegar. Não há ondas gigantes no Sri Lanka. Estas pessoas não sabem do que falam. Na minha cabeça, não parava de emergir uma imagem do Steve a entrar com o Vik e o Mal. Os três sem camisa. O Steve com eles ao

colo, um em cada braço. Mas eles não podiam ter sobrevivido, não era possível, alertava-me a mim mesma. Contudo, desesperadamente e em silêncio, murmurava que podia, *podia* haver uma pequena hipótese.

De vez em quando, uma carrinha ou uma camioneta atravessava os portões do hospital. Tudo muito rápido. Portas batiam, havia gritos, saíam pessoas das camionetas, outras eram transportadas, enfermeiras e médicos corriam para o exterior trazendo macas e cadeiras de rodas por uma rampa. Uma mulher foi trazida para dentro e deixada diante do meu banco. Ela tinha cabelo comprido, que estava sujo e sobre o seu rosto. Murmurava mas não dizia coisa com coisa. Estava tapada com um lençol, pois estava nua, mas tinha os pés de fora e estavam cobertos de lama. Não conseguia parar de olhar para ela. Perguntei-me se toda aquela porcaria no seu cabelo eram algas.

O Anton também estava na sala de espera. De cada vez que chegava uma camioneta, ele parecia expectante. Corria para o exterior, para ver se a camioneta trazia a sua família ou a minha. Não me mexi. Não queria ficar desapontada tão depressa como o Anton ficava. Ele voltava para dentro pouco depois, sempre a abanar a cabeça. De vez em quando, traziam uma criança. Eram outras crianças, não o Vik e o Mal. Eu via cada uma das carrinhas vazias a irem-se embora. Não é possível que estejam vivos, eles nem sequer estavam naquela.

Os cortes nos meus tornozelos doíam. Uma enfermeira pediu-me que entrasse para os limpar e proteger com um penso. Ignorei-a. Desaparece, deixa-me em paz, pensei. Que importam estes arranhões quando algo tão horrível aconteceu, algo que eu nem sei o que é? O Anton continuava a andar de um lado para o outro, a falar com os médicos e os

enfermeiros. Eles ligaram-lhe os cortes nos dedos dos pés. Não parava de me dizer bem dos funcionários do hospital, que, mesmo com estas parcas instalações, estavam a lidar impecavelmente com este caos. Ele sabia, ele era médico, ele sabia que estavam a fazer um ótimo trabalho. Importa-me muito, pensei.

Aqueles bancos encheram-se de pessoas. Estava quente e abafado. Mas tinha de permanecer sentada, não conseguia ir lá fora. Se saísse do lugar, perderia o meu espaço. E eu queria o meu canto. Podia encostar-me àquela parede.

Ainda estava molhada. A enfermeira que eu tinha ignorado pediu-me que mudasse de camisa. Tinha-me trazido uma t-shirt. Quis trocar-me, mas não via onde fazê-lo. Não entro numa daquelas casas de banho, de certeza que tresandam. Fiquei nauseada com essa ideia. Assim, descolei da pele a minha camisa azul ensopada, ali mesmo, e deixei-a cair no chão, entre o banco e a parede. Vesti a t-shirt seca. Era roxa e, na parte da frente, tinha estampado um urso de peluche amarelo e sorridente.

Algumas pessoas que passavam pela sala de espera reconheciam-me. Os condutores dos jipes que costumavam ver-nos no parque, alguns empregados do hotel. Aproximavam-se de mim com preocupação, perguntavam-me onde estava a minha família, onde estavam os meus filhos, se ainda não os tinha visto. Encolhia os ombros e abanava a cabeça. Queria que me deixassem em paz. Sempre que alguém se aproximava de mim, eu receava que me dissessem que o Steve ou os rapazes ou os meus pais estavam mortos.

O homem que era massagista no nosso hotel passou pelo meu banco. Eu tinha feito uma massagem com ele na véspera, um miminho de Natal. Recebi-a no exterior, no alpendre,

com o calor da tarde e uma brisa seca a vir do mar. O Vik brincava com a sua bola de críquete ali ao lado, atirando-a a uma cadeira que fazia as vezes do Steve, que estava a dormir uma sesta. O Malli bebericava uma *Sprite*, envergando um barrete de Pai Natal com luzes a piscar. O Steve comprou esse chapéu piroso numa loja *Tally Ho Discount*, em Londres, sabendo que o Malli ficaria impressionado. Pensei em tudo isto e depois, rapidamente, bloqueei estes pensamentos. Não conseguia pensar no passado, agora. Não no meio desta loucura, não se eles estavam mortos. Merda para a *Tally Ho Discount*, sempre detestei essa loja.

Irritou-me ver o massagista. Ele não parecia ferido, ele nem parecia molhado. Como sobreviveu ele? O Vik e o Mal provavelmente não sobreviveram, porque é que ele sobreviveu? Sempre que reconhecia alguém do hotel, pensava o mesmo. Por que motivo estão eles vivos, se a onda certamente também os apanhou. Porque não estão *eles* mortos?

Quando o Mette apareceu no hospital, dei graças por vê-lo. Senti-me um pouco mais segura. O Mette é condutor de jipe e levava-nos sempre no safári, no parque. Já o conhecíamos há muito. Despedíamo-nos dele na noite anterior, quando nos levou de volta ao hotel. Tinha sido um safári sem avistamentos, apenas uma silhueta de urso ao entardecer. Dissemos-lhe que o voltaríamos a ver em agosto, que estávamos de partida no dia seguinte. Não falta assim tanto para agosto, dissera eu ao Vik, que estava sempre impaciente para voltar. Agora o Mette estava no hospital porque alguém lhe tinha dito que eu estava aqui, sozinha. Ele sentou-se comigo no banco, não me incomodou com interrogações. Perguntei-lhe que horas eram. Era perto do meio-dia.



Ao fim de um tempo, as carrinhas e as camionetas deixaram de cruzar os portões. A sala de espera foi ficando vazia e em silêncio. Eu não suportava este sossego, preferia a correria, os gritos e as conversas. Ao menos acontecia alguma coisa. Agora sentia-me agitada, por nada se passar, e então perguntei ao Mette se me podia levar de volta a Yala. Ele concordou. Tenho de voltar, para o caso de eles estarem lá à minha espera, disse a mim própria. Eles não estarão, eles não estarão, eu sei. Mas ainda assim devia ir confirmar.

Caminhei descalça até ao jipe do Mette. A gravilha estava quente a ponto de queimar e eu sentia picadas nos cortes que tinha nas plantas dos pés. Fomos até ao centro de Tissa. Todas as lojas estavam fechadas mas as ruas estavam cheias de gente. Ouvi vozes nos altifalantes que falavam com urgência. Havia pilhas de pessoas em cima de atrelados de tratores que aceleravam em várias direções. O jipe do Mette arrastou-se ao longo dos cerca de vinte e cinco quilómetros até Yala. Quando virámos para a estrada que leva à entrada do parque, não a reconheci. Esta estrada costumava atravessar uma selva de arbustos. Agora, de cada um dos lados, havia um charco infinito.

À medida que nos aproximávamos, apercebi-me de que não estava ninguém na bilheteira à nossa espera. Um dos guardas do parque aproximou-se do nosso jipe. Todos os que tinham sido encontrados vivos foram levados para o hospital, disse ele. Mas havia corpos junto ao hotel, se quiséssemos ir identificá-los. O Mette olhou para mim, indicando que ele se encarregaria disso. Mas eu não o permitiria, nem por sombras. Que faria eu se descobrisse que eles estavam mortos?

Demos a volta, para regressar ao hospital. Estava a ficar tarde, agora, e eu sentia a minha esperança a dissipar-se.

Parámos na esquadra de Tissa, a caminho, para verificar se tinham um telefone que funcionasse. Todas as linhas telefónicas estavam em baixo desde aquela manhã. O Mette sugeriu que eu ligasse para alguém em Colombo, mas eu não quis, não me senti capaz de contar a ninguém o que tinha acontecido. Fiquei dentro do jipe, no pátio da esquadra de polícia, enquanto o Mette lá foi.

Agora estava mais fresco. Pelas sombras ao longo dos arrozais em torno da esquadra, percebi que eram cerca de cinco da tarde. Cinco da tarde. É a esta hora que o Vik joga críquete com o Steve, pensei. Conseguia ouvir o Vik a bater com a bola no chão, a atirá-la com toda a força contra o chão enquanto o fazia, para dar a si mesmo uma receção difícil. Ele semi-cerrava os olhos e sorria enquanto esperava que a bola caísse nas suas mãos. Pensei nisto mas não consegui focar a sua cara, estava enevoada. Enquanto estive sentada no hospital à espera que eles entrassem, tinha-a visto com clareza, mas agora não conseguia. O Mette voltou e disse-me que nem a polícia tinha um telefone que funcionasse. Que alívio, pensei.



Havia uma criança sentada numa ambulância à porta do hospital, quando voltámos. Um médico gritava: «Alguém conhece esta criança, esta criança pertence a alguém daqui?» O médico queria enviá-la para um outro hospital, a alguma distância. Trôpega, aproximei-me. As portas traseiras da ambulância estavam abertas e eu olhei para dentro. É um rapaz ou uma rapariga? Não conseguia perceber. Esta criança é

mais nova ou mais velha do que o Malli? Não conseguia perceber. É o Malli? Simplesmente, não conseguia ter a certeza. Pode ser. Provavelmente não é. As pessoas juntaram-se à volta da ambulância. Olhavam para mim em silêncio. Viram-me a tentar decidir se este era o meu filho. Toquei na perna da criança. O toque é o mesmo do que o do Mal? Não consegui discernir. Pode ser o Mal, e eles vão mandá-lo para longe. Depois, lembrei-me de que o Malli tinha um sinal de nascença a meio da parte de fora da coxa esquerda. Uma pinta de nascença, chamava-lhe ele. «Mamã, também tens uma pinta de nascença?», costumava perguntar. Consequia ouvir a sua voz agora. «Está no rabo dela! Oh, pai, olha, a pinta de nascença da mamã está no rabo dela!» «Não está no meu rabo, Mal, está *perto* do meu rabo. Fica nas costas.» Olhei para a coxa esquerda da criança e não havia qualquer sinal castanho e redondo. Olhei para a coxa direita, pelo sim pelo não. Voltei para dentro da sala de espera e sentei-me na ponta do mesmo banco, junto à parede.



A sala voltou a encher-se. Havia pessoas a chorar, abraçadas umas às outras, algumas caídas contra pilares, outras agachadas no chão, com a cabeça entre as mãos. A pessoa a meu lado estava colada a mim, pois havia muito mais gente sentada no banco. À minha volta, cheirava a suor e mais suor. Tentei livrar-me do cheiro voltando a cara para a parede. Estava escuro lá fora. Quando é que isto aconteceu? Estremeci. A luz tinha-se apagado.

A mesma enfermeira da manhã viu-me e aproximou-se. Afagou-me a cabeça; ela sabia que os meus filhos estavam

desaparecidos, disse. Enrijeci, não queria vê-la triste por mim. Agora ela ia fazer-me chorar e eu não queria isso. Não deramara uma lágrima ao longo de todo o dia e não ia fazê-lo agora. Não com todas estas pessoas aqui, não agora.

Chegou uma camioneta. Os seus faróis varreram o pátio do hospital. Encontraram mais sobreviventes. Apesar de ser tarde, estão a trazê-los. Por um momento, foi o que pensei. Mas depois aquilo irrompeu. O grito. Num instante, toda a gente naquela sala acorreu para a entrada. Bramiram em unísono, empurrando-se uns aos outros, empurrando-se para diante, com os braços esticados em desespero. Chegaram alguns polícias, que os empurraram para trás. Mas o choro prosseguiu. Sem palavras, apenas um grito sem fim, cada vez maior e mais ruidoso. Foi então que percebi. Esta camioneta era diferente. O que trazia eram corpos.

Nunca antes ouvira guinchos destes. Tão selvagens e horríveis, assustaram-me e abanaram a parede a que eu me agarrava. Este barulho estava a penetrar na dormência da minha cabeça. Estava a estilhaçar o resquício de esperança no meu coração. Estava a dizer-me que acontecera o impen-sável, mas eu não queria vê-lo confirmado. Não por estranhos em prantos, não.

Avancei por entre a multidão, tinha de fugir a esta gritaria, tinha de ir para o exterior. Ao aproximar-me da entrada principal, um polícia a tentar acalmar a multidão gritou: «Estes corpos não pertencem aos vossos, são apenas turistas do hotel.» Não vacilei ao ouvi-lo. Estava concentrada em sair. Passei pelo meio do aglomerado de pessoas como se estas palavras não fossem importantes. Não caí no chão. Nem sequer gemi, embora agora fosse a minha vez de o fazer.

Entre aos tropeções no jipe do Mette, estacionado sob um poste de iluminação junto aos portões. Aqui havia silêncio.

Sentei-me no lugar do condutor e pousei a cabeça no volante. Os corpos são do hotel, disse o polícia.

O Anton encontrou-me no jipe. Ainda tinha a cabeça no volante quando ouvi a sua voz. No início, não compreendi o que dizia. Depois, escutei a palavra «morgue» e empalideci. Ele quer que eu vá à morgue? Não pode estar a falar a sério, está doido? Eu sabia que não conseguiria lá ir, nem pensar. Eu nem sequer suportava a ideia de *e se o Vik e o Mal estão lá?*, apesar de ela pairar de forma abstrata na minha mente.

Quando finalmente compreendi o que o Anton me estava a pedir, fiquei baralhada. Ele queria que eu o empurrasse até à morgue numa cadeira de rodas. De cadeira de rodas? Depois ele explicou. As feridas que tinha nos pés eram demasiado dolorosas e ele não conseguia andar até lá. Disse-lhe que não seria capaz. Ele insistiu e eu recusei, pelo menos durante algum tempo. Mas eu estava cansada, de rastos. Qualquer poder de decisão que tivesse desapareceu e, então, cedi.

A cadeira de rodas era pesada. Tive de a manobrar pelo meio da multidão. Estava furiosa por ter de fazer isto e empurrava-a contra quem quer que estivesse no meu caminho. O Anton dava-me indicações e eu empurrava-o pelo corredor desimpedido, enquanto pensava que isto não pode estar a acontecer, certamente que não. Isto sou eu, com um cobertor velho à cintura, a empurrar uma cadeira de rodas até a uma morgue onde toda a minha família pode estar? Em seguida, o Anton apontou para uma sala. Eu não entro, nem sequer me aproximo desse sítio, pensei. Larguei a cadeira de rodas e vi-a a rolar corredor fora em direção à sala. Voltei para o jipe e sentei-me no escuro.

O Anton voltou, não sei ao certo quanto tempo depois. Ficou à janela do jipe. Encontrou a Orlantha, disse-me. Ele encontrou-a, só a ela. Ela já não está connosco, foi-se, disse ele.



O seu rosto estava vazio. Segurei-lhe a mão. Agora isto está a tornar-se real, pensei. Devagar, muito devagar, a realidade do que se estava a desenrolar começava a assentar no meu cérebro. Percebi nesse momento que tinha de voltar para Colombo. Haverá mais camionetas a chegar durante a noite, mais corpos. Eu tinha de sair dali.

O Mette concordou em levar-me até Colombo. O seu jipe estava demasiado decrépito para a viagem, ele teria de nos arranjar um carro. Ligou o seu telemóvel e, pela primeira vez nesse dia, havia rede. Passou-me o telefone e eu liguei para o telemóvel da minha mãe. Foi a primeira coisa que fiz, ainda acreditando que havia a possibilidade de tocar, que eles podiam atender, até. Mas não o fizeram. Apenas se ouviu a gravação em cingalês, dizendo que o número que ligou não se encontra disponível. O Mette sugeriu então que eu ligasse para casa da minha tia. Fi-lo relutante, carregando nas teclas lentamente. Como é que explico, o que digo? O meu primo Krishan atendeu. A ligação estava má, com muitas interferências. Balbuciei algo do tipo só eu é que sobrevivi, estou a ir para aí. A chamada caiu e, de novo, deixou de haver rede.

O Mette levou-me para sua casa, que ficava muito perto do hospital, numa rua tranquila. Havia um poço no quintal da frente, junto a uma grande árvore. Eu conseguia ouvir o chapinhar da água no escuro; alguém estava a tomar banho. A mulher e a filha do Mette estavam em casa. Ele disse-lhes que tomassem conta de mim, que me iria levar a Colombo, que nos ia arranjar um carro.

Sentei-me num cadeirão de pele castanha, na sua sala. As duas mulheres estavam sentadas no sofá à minha frente.

Ofereceram-me comida e bebida. Disse-lhes que não queria nada. Elas insistiram e trouxeram-me uma chávena de chá muito doce. Beberiquei, era bom. Segurei a chávena com ambas as mãos e o calor soube bem.

Elas perguntaram o que tinha acontecido. Eu tinha esperado que não o fizessem, mas fizeram. Onde estávamos, quando vimos a onda, que aspeto tinha, se rugia, em que direção fui levada, quando foi a última vez que vi os meus filhos. Não respondi. Havia um grande relógio na mesa à minha frente. Continuei sentada de pernas cruzadas no cadeirão, a olhar fixamente o relógio. Percebi que estas mulheres estavam abaladas e consternadas por mim, mas não queria falar. Queria desaparecer naquele cadeirão.

As mulheres começaram a lamentar o meu infortúnio. Nunca nas suas vidas tinham ouvido tal história, todos mortos e só uma pessoa viva. Ela perdeu os filhos, ela perdeu o seu mundo, como pode ela viver? E os filhos eram tão bonitos. Se elas fossem eu, lamentaram-se, não estariam sentadas calmamente, estariam de cabeça perdida e, provavelmente, teriam morrido de desgosto. Nada disse. Os meus olhos estavam colados àquele relógio.

A porta de entrada da casa estava aberta, entraram vizinhos e parentes. Tinham-lhes falado de mim. Todos olhavam para mim, horrorizados. Ela perdeu os filhos? E o marido e os pais? Algumas das visitas saíam a correr e voltavam com mais pessoas, dizendo olha para esta pobre senhora, não é inacreditável, toda a sua família desaparecida. Afundi-me naquele cadeirão. É de mim que eles estão a falar?

Alguém indicou os cortes na minha cara, nos meus braços e pernas. Todos pareciam ansiosos e preocupados. Talvez apanhasse uma infeção, porque não me tinham tratado as

feridas no hospital, perguntaram. Encolhi os ombros. Depois houve preocupação por eu não querer comida. Podia desmaiar se não comesse, depois daquilo por que tinha passado. Onde estava o Mette? Quis que se despachasse. Perguntei-me se os ponteiros daquele relógio estavam parados.

A dada altura, toda a gente naquela casa começou a entrar em pânico. E se a onda volta esta noite, pode matá-los. Foi um homem idoso que desencadeou este alarido depois de encostar a sua bicicleta à casa. Eles estavam demasiado receosos para dormir esta noite. É desta, eles serão engolidos, provavelmente em breve, nunca se sabe. Não sejam tolos, pensei para mim mesma, vocês vivem a trinta quilómetros do mar. Mas não tive energia suficiente para dissipar os seus medos, não conseguia abrir a boca para falar.

Umhas longas três horas mais tarde, o Mette voltou com uma carrinha. O dono desta levar-nos-ia a Colombo. Era quase meia-noite. Finalmente podia parar de olhar para o relógio. Senti um enorme alívio quando subi para a carrinha. Mas, à medida que começámos a avançar na escuridão, fiquei assustada. Não quis chegar a Colombo. Quis escapar à loucura do hospital, quis fugir de toda a gente em casa do Mette, será que não podia *permanecer* suspensa na minha confusão? Quero sentar-me para sempre na parte de trás desta carrinha em movimento. Dentro de algumas horas haverá luz. Será amanhã. Não quero que seja amanhã. Eu tinha pavor que, amanhã, a verdade começasse.

A verdade, por vezes, supera a ficção.

Na manhã de 26 de dezembro de 2004, Sonali Deraniyagala perdeu duma só vez os pais, o marido e os dois filhos. O tsunami que nesse dia atingiu o sudoeste asiático levou-lhe a família mas ela, como por milagre, sobreviveu.

Neste livro corajoso, pungente e franco, a autora descreve os terríveis momentos que viveu e a sua longa jornada desde então. Num relato cativante e emocional, Sonali narra como se debateu furiosamente, durante os primeiros meses após a tragédia, contra uma realidade que não conseguia enfrentar e simultaneamente não podia negar. Conta também como depois, ao longo dos anos que se seguiram, lentamente, permitiu que a memória a levasse de volta à vida magnífica e feliz que perdera, à casa da sua família em Londres, ao nascimento dos seus filhos, ao ano em que conheceu o marido em Cambridge e à sua infância em Colombo, no Sri Lanka.

Durante todo este percurso, Sonali foi aprendendo o difícil equilíbrio entre as memórias quase insuportáveis da sua perda e a necessidade de manter a sua família, de alguma forma, ainda viva dentro dela.

Com uma escrita emocional e sincera, que torna este impressionante relato ainda mais poderoso, *A Onda* é uma memória biográfica extraordinária que se lê com comoção. Um livro que irá captar a atenção dos leitores pela sua brutal honestidade e intensidade.

«Comovente... Este extraordinário livro contém algumas das melhores descrições sobre família e amor que eu já li.»

Sunday Times

«Inesquecível... O facto de Sonali conseguir escrever este livro, trazendo aqueles que ama de volta à vida em cada página, é, sem dúvida, um milagre.»

Vanity Fair

«Este livro é comovente e surpreendentemente belo.»

New York Post



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.

v o g a i s
com todas as letras

2020 editora

Memória / Biografia

ISBN 978-989-668-205-7



9 789896 682057

www.vogais.pt